

Veículo	Data	Página	Seção
Portal Länk	23/11/2016	-	Notícias



Ética e sustentabilidade: fazer a coisa certa é o caminho para a sobrevivência da saúde



O livro *Built to last* (*Feitas para durar*, em tradução livre), de Jim Collins e Jerry I. Porras, fez história ao apontar que as companhias mais longevas – e sustentáveis – do mundo não deviam essa condição a um líder carismático, mas sim a uma gama consistente e consolidada de valores. Simon Longstaff, diretor-executivo do The Ethics Centre, uma organização não-governamental australiana, concorda em gênero, número e grau com a premissa da obra. “Os valores e princípios realmente formam o DNA de uma organização”, afirma. “Vivemos em um sistema social constituído por pessoas, e delas deve emanar a energia necessária para manter esse sistema em funcionamento”.



Simon Longstaff durante palestra no Conahp

Entusiasta da atuação pautada pela legitimidade, Longstaff ressalta que a atuação ética é condição *sine qua non* para a sustentabilidade de uma organização de saúde, e que os benefícios vão muito além do intangível. “Estudos mostram que empresas de saúde que focam na ética têm desempenho e lucratividade superiores às que não o fazem.” No Brasil para participar do 4º Congresso Nacional de Hospitais Privados (Conahp), Longstaff ministrou uma concorrida conferência e, no intervalo, aproveitou para conversar com o Portal länk. Confira a seguir os principais trechos da entrevista.

Na sua palestra, o sr. falou sobre as diferenças que existem nos países do Norte e do Sul quanto à percepção da ética. Conte-nos um pouco a respeito.

Aqui nesta parte do mundo [*Brasil*], quando se fala no Norte se fala dos Estados Unidos. E os EUA têm qualidades muito importantes, mas sua abordagem da ética e do *compliance* se dá muito frequentemente via advogados e leis e regulamentações. "Bem, isso agora é *compliance*". Eu não estou dizendo que essas práticas não sejam úteis, números, regras e leis, mas não ter como princípio que as pessoas devem ter liberdade para exercer suas atividades é incapacitante. E eu acredito que aqui no Sul haja mais inclinação para seguir princípios do que simplesmente obedecer a regras impostas. E se olharmos as mensagens que vêm de cima, lá do Norte, creio que esse tipo de inclinação está faltando. E o Brasil pode contribuir bastante com isso.

Essa possibilidade existe. Mas o Brasil, embora atavesse um momento de clamor popular contra a corrupção, ainda enfrenta inúmeros problemas decorrentes dessa prática. O sr. acredita que levará muito tempo para direcionarmos nosso setor de saúde para uma atuação mais ética e sustentável?

No Brasil, hoje temos grandes companhias privadas, órgãos políticos e governamentais sendo questionados se realmente atendem aos propósitos para os quais foram constituídos. Não é surpreendente que a corrupção esteja aumentando, porque nem mesmo as pessoas que estão no comando dessas organizações se preocupam em ter uma postura ética, porque o cidadão deveria? As pessoas pensam em fazer o que for melhor para si ou os seus em vez de pensar na organização ou no sistema. Assim, isso abre uma oportunidade para o setor de saúde, pois saúde é um bem primordial para o ser humano, é um dos elementos que possibilitam a nossa existência e permitem que todas as demais coisas sejam feitas. E é uma atividade nobre, as pessoas que trabalham nos sistemas de saúde em geral estão satisfeitas, mais do que se estivessem trabalhando em uma fábrica de sapatos, por exemplo.

Como as organizações podem contribuir com isso?

Se considerarmos o sistema como um todo, destacando os hospitais privados, que são o tema deste congresso: se conseguirem estabelecer um compromisso coletivo atestando a integridade da sua atuação, isso se tornaria um exemplo para outros. E isso mostraria a todos no Brasil que mantêm contato com esse sistema que é possível visar o lucro sem sacrificar a ética e o propósito, que é possível ser sustentável. As pessoas que trabalham nessas organizações, uma vez que estejam convencidas de sua integridade e legitimidade, podem se transformar em verdadeiros “embaixadores”, apresentar o sistema a outras pessoas, mostrar que pode haver esperança, que há locais éticos onde se pode trabalhar, e que essa promessa é verdadeira. Então eu acho que o Brasil precisa, talvez mais do que tudo, de exemplos de instituições, de sistemas, que tenham bons propósitos e uma base ancorada na ética.

Nessas instituições, existe disposição para investir tempo, recursos e energia para conseguir esses exemplos, para mudar a cultura e a forma de atuação?

Claramente, as lideranças estão pensando a respeito, e a Anahp deu um passo com este congresso. As lideranças estão preocupadas em deixar o processo mais ético e sustentável. Como fazer isso acontecer? Existem muitas, muitas atitudes práticas que se pode tomar nesse sentido. Um das ferramentas mais poderosas nesse campo é a mensuração. Hoje é possível mensurar a diferença entre o que uma instituição diz que é e o que realmente é, compilar essas informações e divulgá-las entre os pares, de modo a preencher os “gaps” encontrados. Esse é um mecanismo de construção de confiança, quando a própria organização reconhece os pontos em que precisa melhorar e é transparente quanto a isso. Isso permite mudar o que está sendo feito, buscar novos caminhos. Assim, em vez de um círculo vicioso de problemas, temos um círculo virtuoso de possibilidades.

Sustentabilidade e ética significam sobrevivência para as instituições de saúde?

Sim. Pois as organizações de saúde precisarão enfrentar uma série de mudanças fundamentais nos próximos 10 ou 20 anos. A expertise e a capacidade técnica de fazer medicina caminham em direção às máquinas. O que as instituições serão capazes de oferecer é um cuidado individual e personalizado. E não se pode oferecer um cuidado personalizado significativo se isso for tratado como uma questão de negócios somente. É necessário um olhar pessoalmente comprometido com a ética e dignidade humana. Mas precisamos trabalhar nesse sentido. Então os hospitais desejarem manter um lugar na sociedade, precisam tratar esses aspectos como prioridade.

Atualmente, fala-se muito sobre a importância do propósito para as organizações. O sr. acha que as organizações de saúde estão atuando com propósito?

As organizações têm propósitos elevados. Eu sei. Mas o que ocorre frequentemente é que esses propósitos podem ser substituídos por propósitos menos elevados, como lucro ou interesses individuais.

